

Como está o acordo com o FMI? Galvêas não fala.

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, confirmou ontem que irá à reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), no final de setembro, mas não quis dizer nada de concreto sobre o andamento das negociações do Brasil com o Fundo para a conclusão do novo acordo, que permitirá ao País sacar as parcelas do empréstimo jumbo acertado no começo do ano.

— Não tenho nenhuma informação sobre isso — desconversou o ministro, que ontem manteve mais uma reunião “de rotina” com o ministro do Planejamento, Delim Neto. Galvêas revelou também que irá a Paris na primeira quinzena de outubro, para negociar formalmente a dívida externa brasileira com os países industrializados que integram o Clube de Paris, mas foi reticente quando lhe perguntaram se, até a data de sua viagem, o FMI já terá aprovado o programa econômico brasileiro: “Não está nada programado”, disse.

Fonte qualificada do Ministério da Fazenda admitiu que o Brasil negociará 90% da dívida com os países industrializados, que totaliza mais ou menos US\$ 9 bilhões. As condições de reescalonamento evidentemente não estão definidas, mas normalmente o Clube de Paris concede prazos dilatados e juros mais favoráveis que os negociados por qualquer país com os bancos comerciais internacionais.

Outra fonte da Fazenda disse que as negociações com o FMI estão quase concluídas e que o ministro do Planejamento, Delim Neto, tentou convencer o diretor-gerente do Fundo, Jacques de Larosière, de que o País não tem condições de acabar com o déficit do setor público no próximo ano. Essa meta, somada a uma queda de inflação ao nível de 55% em 84, levaria o País todo “a comer calango e rato”, conforme o assessor.

O governo brasileiro, ainda segundo a fonte, já admite que o PIB (Produto Interno Bruto) ficará negativo em 3% este ano, justamente por causa da necessidade de o País ajustar sua economia. Quanto aos comentários acadêmicos sobre a necessidade de o Brasil reativar sua economia, outro graduado assessor de Galvêas foi ontem bastante frio: “Como fazer isso? O que temos a fazer agora é administrar essa crise, evitando convulsão social, e só”.

Ainda na área oficial, os técnicos começam a contestar o próprio acordo com o Fundo Monetário Internacional, entendendo que o mais razoável, a esta altura, seria o País romper seu compromisso com aquele organismo, porque sua orientação ortodoxa está levando a economia a uma quebraadeira generalizada. Um sentimento de angústia, em consequência da situação externa do País, é hoje comum na área oficial.